

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República
Argentina

“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

**História Oral de Vida: Idosos em Instituição de Longa Permanência e suas
Representações Sociais.**

Martins¹,
Alberti²,
Montagner³,
Bonotto⁴,
Alberti⁵,
Dalenogare⁶

Considerações Iniciais

O objetivo deste artigo é relatar os resultados obtidos através da pesquisa “Representações Sociais dos Usuários Idosos da Sociedade Assistencial Santa Isabel em Santiago”, teve como problema: quais as representações sociais que os Usuários Idosos da Sociedade Assistencial têm sobre si e seu entorno? Estabeleceu-se como objetivo geral, identificar e analisar as representações sociais que os usuários idosos da Sociedade Assistencial Santa Isabel de Santiago construíram sobre si e sobre a instituição que os acolhe. Os objetivos específicos se orientaram para o conhecimento

¹Rafaela Lunardi Martins. Graduanda em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago. rafahis@yahoo.com.br.

²Dirceu Luiz Alberti. Mestre em História da Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – RS. Professor na área de Ciências Humanas da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago.

³Rosângela Montagner. Mestre em História da Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – RS. Professora na área de Ciências Humanas e Coordenadora do curso de História da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago.

⁴Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Mestre em Integração Latino Americana pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – RS. Professor na área de Ciências Humanas da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago e UNIPAMPA – Universidade Federal dos Pampas.

⁵Gabriela Alberti. Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago.

⁶Vanessa Dalenogare. Graduanda em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago.

das Histórias de vida dos sujeitos pesquisados, a fim de compreender a situação de inclusão e/ou exclusão em que se encontram; Investigar se a proposta institucional de acolhimento ao idoso atende às expectativas e necessidades materiais e afetivas de seus usuários; Identificar as representações dos usuários em relação à sociedade e as próprias famílias frente à realidade em que se encontram; Conhecer o grau de informação que os usuários têm a respeito do Estatuto do Idoso. Portanto, além de conhecer as representações sociais dos sujeitos, essa pesquisa buscou também, identificar o grau de consciência dos idosos sobre os direitos de cidadania referentes ao idoso. A metodologia utilizada seguiu os pressupostos teóricos da História Oral, modalidade Histórias de vida, onde buscamos no discurso dos sujeitos, os elementos necessários para análise das representações sociais além de conhecer suas histórias de vida. Os resultados apontam para uma representação negativa do idoso e da instituição, porém houve melhorias físicas na instituição, além de percebermos uma maior preocupação vinda da sociedade com questões relacionadas ao Idoso. O artigo está dividido em cinco subtítulos sendo o primeiro essa breve introdução da pesquisa, seguindo com uma discussão teórica em relação a história oral, memória, inclusão e/ou exclusão e representações sociais, o próximo subtítulo abordara as questões metodológicas, ou seja como a pesquisa foi encaminhada e os métodos utilizados, os dois últimos relatam os resultados e as considerações finais percebidas ao final da pesquisa.

Discussão Teórica

A cultura capitalista nos cega, pois não nos damos conta do grande problema que vivemos atualmente em nossa sociedade, que é a exclusão social dos idosos, pois na ótica capitalista eles não são mais “úteis” para o setor produtivo. O Idoso, por sua vez, acaba percebendo-se como uma mercadoria descartável, abalando sua auto-estima, conduzindo-o para uma representação social negativa da velhice em relação ao trabalho. Para introduzir a discussão, acreditamos que uma das análises que deve ser feita é com relação ao significado da palavra excluir; segundo o Minidicionário Luft, exclusão significa: "1. Ato de excluir - (se); exceção. (...) 2. Ato pelo qual alguém é privado ou excluído de determinadas funções"; E, por sua vez, excluir significa: "2. Afastar, desviar, eliminar (...). 3. Por de lado, abandonar, recusar. 4. Não admitir (...). 5. Pôr fora, expulsar. 6. Privar

(...)". Tomando o termo exclusão enquanto ato de excluir, privando alguém de determinadas funções (do convívio social e familiar, do sistema produtivo, de participar ativamente enquanto cidadão) estaremos violando os Direitos Humanos Fundamentais, assegurados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição Federal, no Estatuto do Idoso e na nossa consciência moral. Neste contexto o que se pretende é compreender como se instauram as representações dos idosos em estudo, frente a essa realidade de exclusão expressa nas palavras de Boneti (1998, p. 15):

(...) 'excluir' significa 'expulsar do mundo dominante', significa literalmente, 'pôr para fora dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais', é não apenas 'marginalizar' e sim 'desconsiderar a existência humana'. 'Excluir' significa 'criar e perpetuar condições sociais que tornam permanente o ato de morrer'.

Para Doll, a vida normal se dividia, até os anos 60, em três etapas: a infância e a juventude ligada à educação, a vida adulta ao trabalho e a velhice ao lazer e tempo livre, porém esse conceito está sendo questionado nos últimos anos em decorrência do envelhecimento populacional. Pois para Chauí *In* Bosi (2003),

Se ver velho em uma sociedade capitalista é "sobreviver" sem perspectiva, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega, a memória vai-se tornando cada vez mais viva, à velhice, que não existe para si mas somente para os outros.

Através da pesquisa possibilitou-nos dar novamente a palavra a quem, durante muitos anos, não tinha ou tinha poucos canais de comunicação para expressar sua própria experiência humana. Procuramos assim um novo ponto de inclusão social, na experiência histórica dos excluídos (idosos). A História Oral, enquanto metodologia utilizada se ocupou em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre a determinada realidade, analisando assim as representações sociais que os Usuários Idosos têm sobre si e de seu entorno além do processo histórico, ou seja, a história de vida deles, estas obtidas através de conversas, relatos orais, que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, possibilitou nos construir uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem (instituição asilar), ou que não pertence (família), ponderando esses fatos pela importância em suas vidas e analisando em suas

falas as representações sociais, objeto principal da pesquisa. A história se interessou pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. Ao se interessar pela oralidade, a História Oral procura destacar e deixar como centro de sua análise a visão e versão das experiências mais profundas dos seus atores sociais. Sob este ponto de vista o idoso traz uma bagagem e uma experiência que não pode ser desprezada. A História Oral de vida permite nos identificar através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos - sociais. Para isso, conta-se com métodos e técnicas precisas, em que a memória tem papel definitivo na constituição de fontes e arquivos orais desempenhando um papel de fundamental importância e relevância. Levamos em consideração que ao se tratar de história de vidas de Idosos, a verdade deveria partir do colaborador e em momento algum questionamos a veracidade dos fatos. Também, consideramos que:

A história tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que "não passam": se admitirmos que a história dos historiadores é apenas uma das formas de expressão da memória coletiva, apenas um dos vetores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado [...]Rousso (*In* Ferreira & Amado, 1996, p.95)

Segundo Rousso (*in* Ferreira & Amado, 1996, p. 94) a memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, "coletiva", como sugere Maurice Halbwachs (1968). Nesse contexto, a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a idéia de construção do passado, seja a de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente, é do presente e para responder as solicitações feitas no presente que a rememoração recebe incentivos, tanto quanto forem as condições para se efetivar. A história da memória concentrou-se nos vetores da memória imediatamente identificáveis: a política de memória do Estado, as associações de preservação da memória, as representações do passado no cinema ou na literatura, a historiografia. A história da memória constitui

elemento de fundamental relevância na análise das culturas políticas, como atestam os numerosos trabalhos sobre memória. A história da memória tende a ser um exercício permanente sobre a verdadeira função do historiador, permite resistir a contestação de que todo e qualquer historiador é depositário da verdade histórica.

Por outro lado, o recurso a fontes orais pode se mostrar extremamente esclarecedor no caso de recuperação da memória, como destaca Burke (1992, p.190-191):

(...) a memória é sabidamente indigna de confiança e um teto inseguro quando comparada aos registros inanimados e imutáveis dos documentos, através de anos de questão (...) as fontes documentais não são tão involuntárias e naturalmente legadas a nós como poderia se pensar. (...) Assim poderíamos virar a mesa. Poderíamos argumentar que na verdade o testemunho oral, seja ele coletado em gravação em fita (...), ou pelas pesquisas de campo (...) está mais próximo da fonte principal. Ele é certamente vulnerável a problemas como aqueles que afetam as fontes documentais modernas, mas eles são diferentes. Ambos tem em comum o fato de poderem estar sujeitos a invenção da tradição, mas os problemas de má utilização dos dados orais são possivelmente mais fáceis de serem localizados e resolvidos.

A matéria bruta da memória individual pode permanecer latente anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor (pesquisador). Este foi o nosso papel: despertar essa matéria bruta que estava guardada na memória dos idosos e a partir dessas narrativas compreendemos suas representações sociais. O conceito de representação social ainda é algo complexo de entender, porém é usado freqüentemente em nosso processo de aprendizagem. Este conceito atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular ela é usada na sociologia, antropologia e na história das mentalidades. A partir dos anos 60, com o aumento do interesse pelos fenômenos do domínio do simbólico, vemos florescer a preocupação com explicações para eles, as quais recorrem às noções de consciência e de imaginário. As noções de representação e memória social também fazem parte dessas tentativas de explicação e irão receber mais atenção a partir dos anos 80. Como vários outros conceitos que surgem numa área e ganham uma teoria em outra, embora oriundos da sociologia de Durkheim, é na psicologia social que a representação social ganha uma teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet. Essa teorização passa a servir de ferramenta para

outros campos, como a saúde, a educação, a didática, o meio ambiente, e faz escola, apresentando inclusive propostas teóricas diversificadas.

A psicologia social aborda as representações sociais no âmbito do seu campo, do seu objeto de estudo, a relação indivíduo-sociedade e de um interesse pela cognição, embora não situado no paradigma clássico da psicologia: ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. "os primeiros sistemas de representação que o homem fez para si do mundo e de si mesmo são de origem religiosa" (Durkheim, 1998:154).

Segundo Ayestaran, De Rosa e Páez, "as representações sociais se referem às estruturas cognitivo-afetivas que servem para processar a informação do mundo social, assim como para planificar as condutas sociais" (1987, p. 18). Isso significa que essa dimensão afetiva é responsável, juntamente com os aspectos operativos e figurativos, pela estruturação das representações sociais. Spink sustenta essa mesma posição, já que, para ela, "as representações sociais, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo afetivas e, desta monta, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo" (1995, p. 118). Assim, a emoção passa a assumir um papel primordial na representação porque ela compõe a sua própria estrutura. A definição mais consensual entre os pesquisadores do campo é a de Denise Jodelet (2002, p.22); "As representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social." Isso remete a pesquisa que procurou compreender as representações sócias do Idoso em geral.

Construção Metodológica

O universo da pesquisa está delimitado a sociedade assistencial Santa Isabel, localizado no Município de Santiago e restringe-se às representações de seus usuários sobre si, a sociedade e a Instituição que os acolhe, na atualidade.

A metodologia e as técnicas de coleta de dados utilizadas para compreender a realidade dos idosos e quais são suas representações, atende aos pressupostos teóricos da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, através da história oral, que:

(...) pretende ser um campo multidisciplinar onde, independente das varias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho tenham um território para o diálogo sobre maneiras de abordagem das entrevistas e campo de troca de experiências. (Mehiy, 1996. Pág 27)

De acordo com o autor acima, o inicio de um projeto de pesquisa oral, implica a qualificação da espécie de historia oral que se pretende. No projeto utilizamos a historia oral de vida que, para Mehiy (1996) “é muito mais subjetiva que objetiva”. Ou seja, nessa modalidade a verdade está na versão oferecida pelo narrador que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.

O instrumento de coleta de dados da pesquisa de campo foi às entrevistas semi-estruturadas conforme roteiro a baixo:

Questões utilizadas na entrevista com os Idosos

- 1- Faça um relato de sua historia de vida, aonde nasceu, lugares onde morou Lembranças da infância, da família, profissão que desempenhou entre outros.
- 2- Relatar as condições sociais culturais ou familiares que determinaram o seu ingresso na instituição.
- 3- Em relação a instituição que o acolhe; você sente-se realizado e feliz com as condições de vida oferecida por ela?
- 4- Como é o convívio social com os demais usuários e servidores da instituição?
- 5- Você recebe visita de familiares ou pessoas da comunidade e como é esse encontro?
- 6- O que as pessoas pensam ao seu respeito e a respeito da instituição?
- 7- E você como se sente nessa etapa da vida, qual é a sua opinião sobre o papel do idoso na sociedade atual e como era antigamente?
- 8- O que significa a palavra Idoso para o senhor?
- 9- O(a) Senhor(a) conhece os seus direitos (estatudo do Idoso e outros)?

Questões utilizadas com funcionários da Instituição com o objetivo de verificar o funcionamento da instituição e a relação dos funcionários e os Idosos, além de perceber qual a posição dos mesmos em relação à velhice:

- 1- Nome, idade e há quanto tempo trabalha na Instituição?
- 2- Qual sua função e a maior dificuldade em realizá-la?
- 3- Como você avalia a situação dos idosos internos e como eles são vistos na sociedade atual?
- 4- O que representa a velhice para você?

Os dados coletados na pesquisa bibliográfica e de campo foram submetidos à análise crítica atendendo às exigências do método dialético e da História Oral. Durante as entrevistas foram utilizados gravador e fita, uma característica fundamental, que devem demarcar todo o profissional que se disponha a trabalhar com memória, registrando-a através de entrevistas, é o fato de que a fala do entrevistado deve ser absolutamente respeitada. Para Montenegro “ao entrevistador cabe a obrigação profissional e ética de ouvir tudo que é descrito com a maior atenção, consciente de que o entrevistado não deve ou não tem obrigação de atender a quais quer que sejam as expectativas teórico-metodológicas da pesquisa que então se realiza”. No momento da entrevista além a questão inicial serve para que novas questões brotem. Após os primeiros passos que são conhecer o colaborador e promover uma aproximação com ele até o momento da entrevista, surgem os dois passos a seguir, estes seriam a transcrição literal do que o entrevistado disse e a análise frente ao referencial teórico.

Discurso dos Idosos

Sobre as histórias de vida relataremos algumas particularidades antes de nos determos a análise das representações sociais propriamente ditas. Identificaremos os colaboradores através de nomes fictícios.

Dona Maria, 83 anos, solteira, morou com a irmã nos fundos da casa do irmão mais velho. Sua entrada na Instituição deu-se através de sua cunhada após o falecimento de seus irmãos, onde está a 9 (nove) anos, segundo ela contra sua vontade, nas falas sobre esse período ela se mostra revoltada pelo fato de ter ido morar na instituição e da família

não visita-lá. No que podemos perceber a família, mais especificamente cunhada e duas sobrinhas não tinham condições financeiras nem tempo de cuida - lá ou de dar o mínimo de atenção, pois a cunhada após um ano de ter internada Maria na Sociedade Assistência faleceu devido á um câncer, na maioria dos casos de internação a justificativa é a falta de condições financeira ou de relacionamento. Dentro deste aspecto Camarano afirma que em conseqüência do crescimento da população Idosa:

(...) se levanta a questão de quem oferecerá cuidados para esse grupo populacional: a família ou as instituições? A residência em Instituições de longa permanência para Idosos (ELPIs), não é uma prática comum nos países do Hemisfério Sul. Historicamente, as instituições tem sido vistas com resistência e preconceitos, tradicionalmente como 'deposito de Idosos', como lugar de exclusão, dominação e isolamento ou simplesmente 'um lugar para morrer' (Novaes, 2003). Em geral, as famílias que decidem pela institucionalização de seus Idosos são vistas como praticando o abandono e tendem a experimentar forte sentimento de culpa. Os Idosos de hoje nasceram numa época em que o papel da família (em especial o da mulher) como a cuidadora dos membros dependentes era claramente estabelecido nos contratos de gênero e intergeracionais, resultando numa expectativa elevada por parte dos Idosos de receberem o cuidado familiar.

Durante a infância, juventude e vida adulta Maria foi uma cuidadora, pois em vários momentos relata os cuidados com sobrinhos, com a irmã além dos trabalhos do campo e da casa. É necessário destacar que ela morou na zona rural boa parte de sua vida, infância, juventude e adulta, vinda para a cidade somente após a morte de sua mãe e a doença da irmã. O que chama mais atenção em relação a essa colaboradora é o fato de receber visita constantemente do, segundo ela, primeiro e único amor, que por conta de desencontros acabou casando-se com outra e só após ficar viúvo procurou ela, nesse momento já estava internada na instituição, desde então ele a visita toda a semana. Na fala da colaboradora identificamos uma semelhança entre os três selecionados a questão sócio econômica: "um dia o tio dele chegou lá em casa, e perguntou sabia 'Maria' que o Constantino vai casar, e ele sabendo que nós éramos namorando há muito tempo e eu disse não sabia, vai casar com uma moça que tem guampa no campo quis dizer que eu era pobre né!" Todos os três trabalhadores informal no caso de dona Maria em casa e formal: seu João, peão de fazendo e seu José caminhoneiro, ela nunca casou não possui

filhos e segundo ela donzela. Percebemos durante as falas é a questão de gênero, para ela o ideal de mulher que deve casar e cuidar dos filhos é muito forte. Reforçando assim o que diz Camarano, que os idosos nasceram em uma época que o normal seria as mulheres ficarem em casa e cuidar das crianças e Idosos.

Seu João, 63 anos, peão de fazenda, separado, morou em fazendas onde trabalhava e possui uma casa na cidade, onde sua ex-esposa mora com um dos filhos, Camarano relata que em alguns estudos é possível perceber que o risco dos pais idosos não receberem ajuda é maior quando estes são separados, o mesmo estudo citado por ele revela que as mulheres divorciadas recebem maior apoio dos filhos. Nas entrevistas mostro-se ligado intensamente ao trabalho, e a vontade de retornar ao mesmo. Sendo que um dos últimos encontros ele estava cuidando da entrada e saída dos visitantes, já que em decorrência de alguns tentarem fugir da instituição o portão estava sendo mantido fechado. A idéia de ocupação fez com que senti-se importante e útil, o que demonstra a importância de atividades ocupacionais em uma instituição de longa permanência.

Seu José, 62 anos, ex caminhoneiro morador da Sociedade Assistencial há oito anos depois de um enfarte, pois segundo ele ficava difícil vir ao hospital e o cuidado com ele, pois residia com um irmão em uma localidade rural. A marca maior que possui é a perda do filho assinado em decorrência de uma briga, sendo que o assassino é segundo ele sobrinho de uma interna a qual ele possui verdadeira repulsa. Na instituição ele conheceu uma interna Roseli que hoje tem 36 anos, ela moradora há oito anos, os dois tem um relacionamento de casal, com ciúme e carinho, os dois tem uma filha junto, que tem quatro anos. Ele mostra-se muito atencioso e ela da mesma forma, é interessante que é o lar deles, ou seja a ideia de casa permeou neles e nesse momento percebemos que a institucionalização de Idosos é uma necessidade em alguns casos sendo indispensável uma organização da sociedade nesse sentido para que eles tenham seus direitos respeitados e tenham uma vida digna. A pesquisa ligada a histórias de vida traz uma aproximação muito grande entre os depoentes e o entrevistador, possibilitando assim perceber as relações e as representações sociais

As representações sociais, (Minayo, p.89) “no enfoque das Ciências Sociais, são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a”. Portanto, com base nesse pressuposto, conduzimos a

análise das falas dos sujeitos de forma crítica, questionando ou justificando as percepções consideradas consensualmente importantes, pois segundo Burke (1992, p. 190)

(...) a memória é sabidamente indigna de confiança e um teto inseguro quando comparada aos registros inanimados e imutáveis dos documentos... no entanto, ambos tem em comum o fato de poderem estar sujeitos a invenção da tradição, mas os problemas de má utilização dos dados orais são possivelmente mais fáceis de serem localizados e resolvidos.

São esses fatores que exigem do pesquisador uma postura crítica, rigorosa, ao analisar os relatos orais.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa contemplaram todas as categorias de análise que nos propomos a efetuar. É possível, perceber na fala do colaborador **A**, uma postura de autodefesa frente à representação social negativa da sociedade, em relação ao idoso. Ao ser questionado sobre a sua idade ele responde: “tenho 67. Sou nascido em 41”, e acrescenta, “viu? não faço confusão”. A ressalva que ele fez após responder a questão, revela uma representação social negativa sobre o idoso, como alguém esquecido, atrapalhado, que confunde as coisas. A atitude do idoso indica que esse imaginário está introjetado nele que busca desconstruir essa representação ao questionar: “viu? Eu não faço confusão...” e, ao mesmo tempo, deixa implícito que o “normal”, naquela idade, seria “fazer confusão”. Na mesma linha interpretativa, o colaborador, ao ser questionado sobre o número de filhos e o nome deles, responde: “Tenho só uma filha que mora aqui e um filho. Os outros estão todos em Bento Gonçalves e Porto Alegre. São o Anselmo, Giselmo e Milton, Cleonice e Jussara. Viu como o nego velho não esquece?” Mais uma vez, ele está reforçando o fato de não ter esquecido, deixando claro, que se há um consenso social em torno da representação do idoso como “esquecido” ele, particularmente, não se considera esquecido, daí a insistência em fazer a ressalva: “Viu como o nego velho não esquece”? Na concepção de Durkheim, *In* Minayo (1994, p.90),

(...) é a sociedade que pensa. Portanto, as representações não são necessariamente conscientes do ponto de vista individual. Assim, de um lado, elas conservam sempre a marca da realidade social

onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causa outras representações e não, apenas a estrutura social.

Em relação à pergunta, como a sociedade vê o idoso? O Colaborador **A** afirma que “as pessoas os vêem como pessoas que não têm condições para o trabalho, não esse ou aquele, mas o idoso em geral”. Na verdade, não ter condições não significa ser incapaz, de forma alguma. Na sociedade capitalista, que supervaloriza os bens materiais e a capacidade humana de produzi-los, realmente, os idosos não têm condições de manter um ritmo produtivo compatível com a necessidade de produzir bens que geram fartos lucros. Em função dessa mentalidade, a sociedade capitalista tem um olhar discriminatório sobre o idoso que é percebido por este colaborador. Nessa direção é possível compreender, o que segundo Jodelet (2002, p.22); “As representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Aqui é possível perceber que a representação social sobre o trabalho, exclui o idoso da força produtiva, compartilhando a idéia de que os idosos “não servem para o trabalho”.

A representação sobre a beleza é possível perceber na fala da colaboradora **C** que “beleza” remete a juventude, pois ela conta que mostrou ao pastor a carteira de identidade onde estava sua foto, “ele disse: - como a vovó era linda! eu era nova né! Depois que a gente fica velha não é mais”. O ideal de beleza imposto pela sociedade é um ideal de juventude e este remete a representação do idoso como não belo. Nesse contexto, a colaboradora faz a observação “depois que a gente fica velha não é mais”, em analogia ao “ser ou não bela”.

Em relação à representação sobre a Instituição que os acolhe, no discurso do colaborador **A**, lá “é um paraíso! Até as unhas cortadas nós temos”. Ele faz comparação com a sua vida anterior quando trabalhava no campo e assumia os compromissos da propriedade. Em suas palavras expressa sofrimento: “eu, pobre de mim, era o escravo, cuidava dos campos,... eu que tinha que ir... tudo era eu. Eu aprendi trabalhar e hoje to aqui. Mas não me queixo. Aqui nós estamos num paraíso, não é seu...?” Ele busca confirmar sua representação positiva que tem da instituição com o outro interno que está ao seu lado, deixando claro que há um consenso em relação ao paraíso que ela

representa para eles. Em outra situação, ao ser questionado se gosta de morar no asilo ele responde: “Olha! Tem dias que sim, tem dias que não. Eu to por sair daqui. Eu vou trabalhar. Se Deus Nosso Senhor quiser, pai velho, Jesus”. É interessante analisar a importância dada ao trabalho, ao ponto de sentir a necessidade de retornar. É pertinente compreender a dificuldade em manter-se ocioso depois de uma longa vida de trabalho, principalmente tendo consciência de que a sociedade os discrimina no mercado de trabalho.

Já o entrevistado **D** (administrador da instituição) em seu relato afirma que “não tem mais aquele, que antigamente diria que o Asilo é um amontoado de velhos, que viviam mal cuidados. Parte da sociedade ainda pensa assim, mas a maioria felizmente, a maioria, já vê o que esta sendo feito”. Alerta sobre a visão negativa que a sociedade tinha sobre a instituição que os acolhe, mas essa representação “está mudando porque a comunidade percebe as mudanças, aparentes fisicamente, as obras que estão sendo realizadas na instituição. Não querendo puxar a coisa para o meu lado, mas no momento que eles chegam aqui estão deprimidos, em mal estado, chegam com ferimentos e em poucos dias, eles se recuperam e veem que aqui é bom, fazem amizades conosco, com os funcionários e até entre eles e não querem mais sair daqui. Tem uma minoria que não se acostuma”. A representação do encarregado administrativo confirma a ideia dos internos que aponta para uma crescente humanização do espaço asilar e uma mudança na comunidade em relação à percepção do idoso como alguém que merece sua dignidade.

A aplicação da entrevista com os funcionários da instituição possibilitou a aproximação e interação com a realidade particular da instituição que acolhe os sujeitos dessa pesquisa. No total foram entrevistadas cinco pessoas que trabalham na instituição, numa faixa etária variável entre 29 e 56 anos, com diferentes funções: três trabalham serviços gerais; uma técnica em enfermagem e o administrador da instituição. O tempo de serviço na Instituição é aproximadamente, de 3 à 9 anos. Os servidores encontram algumas dificuldades nas atividades que desempenham como o citado pela colaboradora **H**, “Tem bastante coisa que é difícil, principalmente os deficientes para gente lidar, para levá-los, uma colega têm que ajudar a outra. Até dificuldades de falar, pois tem pacientes que a agente entendia, agora não entende mais”. A integração dos funcionários

com os idosos, segundo H é positiva, pois “há carinho e essas coisas a gente dá para eles né, brinca. Aqui é como se fosse nosso lar né. Nós passamos mais aqui, chegamos de madrugada e às vezes passamos o dia inteiro, com escalas nos finais de semana e feriados”. A colaboradora **G**, “eles são bem alimentados, bem tratados, e a gente, a turma que trabalha aqui, a gente tem carinho por eles e eles pela gente. É uma família”.

A situação dos internos é avaliada como “boa”, é relevante, porém salientar que segundo elas não era assim, em suas falas demonstram realização pessoal naquilo que fazem. Sentem-se responsáveis pelas mudanças, reforçando sempre que “antes não era assim”. As próprias colaboradoras revelam crescimento pessoal no convívio com os idosos, também em relação aos colegas de trabalho conforme a servidora **H** que enfatiza: “quando eu cheguei aqui eu achei muito ruim, desde as colegas que passaram por aqui e já foram embora, mas hoje está bem melhor”. Nesse aspecto, os próprios usuários percebem que o atendimento vem sendo melhorado e há satisfação em relação ao atendimento explícito na fala do colaborador “A” que afirma “Aqui sou bem atendido. Têm médico, se precisar eles levam ao médico”.

A Instituição mantém-se com recursos dos próprios internos (aposentadorias, pensões) e de doações da comunidade. Verificou-se que a Instituição atende às necessidades materiais. Segundo o administrador “a gente distribui essa verba para manutenção deles. Os remédios, cama e roupa limpa, tudo é aplicado nisso. A prefeitura tem um convênio que nos serve duas técnicas em enfermagem e os rondas. E a colaboração de pessoas da comunidade. A gente recebe muitas doações espontâneas. E o que recebemos é sempre bem aproveitado”.

Percebeu-se no contato com os servidores que a sociedade ajuda, assumindo assim, parte do ônus por excluir seus idosos do convívio familiar, quase como uma reparação de seus próprios atos. A realidade é diversa e existem problemas que atingem a cada um dos internos de forma específica. Por exemplo, segundo a colaboradora **E**, boa parte dos idosos “são alcoólatras ou ex – alcoólatras que voltam a beber, que não tem família... porque assim o que acontece aqui é que eles trabalhavam para fora, são sozinhos aí o tempo passa, a idade chega e já são alcoólatras, não tem família, aí vão para onde? Aqui, né?”. Isso nos remete a um dos problemas enfrentados na instituição. Há casos de alcoolismo entre os idosos, segundo o colaborador “**F**” (63 anos) “tem gente que diz: eu

vou pular o muro, para beber cachaça”, demonstrando que a prática ocorre. Por esta razão a administração da Instituição delimitou o acesso externo, colocando um responsável, (o usuário) para controle da portaria. O problema do alcoolismo também aparece quando perguntamos ao administrador qual a maior dificuldade de trabalhar com os idosos, e ele responde que “não tem muita dificuldade... só quando uma minoria, que toma uns traguinhos, né? E tão meio borracho, mas aí agente ajeita e vai. Tudo tem um jeitinho”. Pode-se afirmar que o alcoolismo serve como um modo de fugir da realidade, segundo afirmação no site Boa Saúde (<http://boasaude.uol.com.br>) disponível no dia 13 de janeiro de 2009: “Entre 2 a 3 % dos alcoólatras têm mais de 65 anos. “Se bem em alguns casos, o alcoolismo é resultado de uma longa história de abuso, na maioria deles é uma forma de escapar de uma realidade difícil de assumir”. Nesse contexto, chega-se a seguinte conclusão: as necessidades materiais são atendidas, porém as afetivas permanecem como lacunas na vida dos idosos, tornam-se difíceis, mesmo recebendo visitas de pessoas da comunidade. A falta da família e de amigos deixa um vazio difícil de preencher. Segundo as colaboradoras **G** e **H** eles sentem falta “de carinho da família, dos parentes”. Em relação à família, **G** afirma que o motivo de deixarem os idosos na instituição “é falta de condições, só que eles, eles não entendem isso, acho que eles se sentem assim meio abandonados” (colaboradora **G**).

Em determinados momentos os usuários idosos manifestam ter perdido a referência do lar, revelando as dificuldades de adaptação das rotinas da instituição o que ocorre pelo fato de que os horários seguem estão assim distribuídos: o café é servido às oito horas da manhã, o almoço ao meio dia e o que seria o jantar às cinco e meia, além das visitas serem das 9 horas às 11 da manhã e das 14 às 17 horas da tarde, sendo em horários de serviço dificultando as visitas. Eles revelam também, a falta do convívio familiar e de antigos vizinhos demonstrando assim que, mesmo recebendo visitas de pessoas da comunidade, a falta da família ou de pessoas próximas, faz com que eles sofram. Em relação aos direitos do Idoso demonstram não terem conhecimento pleno sobre a existência do Estatuto do Idoso, acreditam que seus direitos estão sendo respeitados no contexto onde vivem. A população idosa necessita de atenção e a história oral possibilitou que eles apresentassem suas histórias de vida como uma forma de

sentir-se útil, porém é necessário um olhar crítico da sociedade para as injustiças e preconceitos contra os direitos do cidadão idoso ou não.

Considerações Finais

Em nossa sociedade, onde todos se preocupam consigo mesmo e só os bens materiais são valorizados, as pessoas necessitam trabalhar muito e não têm tempo para dar atenção aos familiares que necessitam cuidados especiais, crianças, deficientes e idosos. Nesse contexto, a população idosa acaba sendo excluída da convivência social, pois além de não serem produtivas para o sistema, representa um fardo, um estorvo. Em razão desta mentalidade, muitos deles são depositados, pelos próprios familiares nas instituições asilares a mercê de políticas públicas assistencialistas, do trabalho voluntário de pessoas da comunidade ou de fundações filantrópicas. A sociedade brasileira, por sua vez, projeta o envelhecimento da sua população em cima de dados sobre a diminuição da natalidade e o aumento da expectativa de vida dos cidadãos, crescente nas últimas décadas.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, daí o alerta ao governo brasileiro para a necessidade de implementar o mais rápido possível, políticas sociais que preparem a sociedade para essa realidade, pois ainda é grande a desinformação sobre o idoso e sobre as particularidades do envelhecer, em nosso contexto social. A Constituição de 1988, no entanto, deixou clara a preocupação e atenção que deve ser dispensada ao assunto, quando colocou em seu texto a questão do idoso. Foi o pontapé inicial para a definição da Política Nacional do Idoso, que traçou os direitos desse público e as linhas de ação setorial.

Diante da realidade desse quadro social preocupante, buscamos através da pesquisa compreender as representações sociais que eles têm sobre si e seu entorno, pois sentimo-nos sensibilizados com o descaso em relação aos cuidados com a população idosa. Não basta a criação de um estatuto do idoso para garantir-lhes certos direitos. É urgente que a sociedade global assuma esse compromisso, que as Instituições de ensino construam uma nova cultura que acolha e respeite o idoso. Entendemos que, enquanto Universidade, não podemos deixar de assumir a nossa

missão de formar cidadãos críticos, solidários e humanizados. A sociedade mostra suas feridas e não podemos ignorá-las. Porém verificamos que desde o início da pesquisa até agora, muitos são os trabalhos que discutem temática relacionadas com o Idoso, um exemplo é o livro *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*, o livro é resultado de uma pesquisa inédita no Brasil realizada em parceria entre a Fundação Perseu Abramo e o Serviço Social do Comércio (SESC Nacional e SESC São Paulo) onde varias questões relacionadas aos Idosos são discutidas. Em relação à pesquisa em si, podemos concluir que não há uma justificativa comum entre os participantes, por estarem na instituição. As causas, mais freqüentes são a perda da capacidade produtiva que se expressa na fala do colaborador A: “eu gostaria de voltar a trabalhar”. Outros manifestam sentimento de abandono, revelando assim as marcas do preconceito e estigmas sociais, a “inutilidade”, o “esquecimento”, a confusão como representações negativas, em relação ao Idoso. Apesar das mudanças no estabelecimento em relação às necessidades materiais, eles têm um vazio em relação à afetividade já que em determinados momentos eles manifestam ter perdido a referência do lar, revelando as dificuldades de adaptação das rotinas da instituição o que ocorre pelo fato de que os horários seguem estão assim distribuídos: o café é servido às oito horas da manhã, o almoço ao meio dia e o que seria o jantar às cinco e meia, além das visitas serem das 9 horas às 11 da manhã e das 14 às 17 horas da tarde, sendo em horários de serviço dificultando as visitas. Eles revelam também, a falta do convívio familiar e de antigos vizinhos demonstrando assim que, mesmo recebendo visitas de pessoas da comunidade, a falta da família ou de pessoas próximas, faz com que eles sofram. Esse pode ser um dos motivos do alcoolismo entre eles. Concluímos através da pesquisa a necessidade de promover novas atividades para os idosos internos, com o objetivo de melhorar as condições de vidas dentro da instituição de longa permanência, um exemplo há destacar é a possibilidade de terapias ocupacionais promovendo atividades diversas, possibilitando assim dignidade ao Idoso. Já em relação à história oral mostro-se de uma enorme riqueza, pois a todo momento, principalmente, quando,do momento das transcrições dos relatos, as emoções se afloram e nos contagiam novamente. A realização deste trabalho se tornou ainda mais

prazerosa pelas histórias de vida que nos contagiou enquanto pesquisadores e cidadãos.

Referências Bibliográficas

- Alberti, V. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- Beauvoir, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.
- Bosi, Ecléa. *Memórias e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- Bõas, Lúcia Pintor Santiso Lillas. *Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana*. Psicologia Da educação. São Paulo, 19,2º sem. de 2004, pp.146-166.
- Burke, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- Camarano, Ana Amélia. Instituição de longa permanência e outras modalidades de arranjo domiciliar para Idosos. In Neri, Anita Librerato, (org). *Idosos no Brasil: Vivências desafios e expectativas na terceira idade*. – São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2009.
- Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- Furasté, Pedro Augusto. *Normas técnicas para trabalho Científicos*, que todo mundo pode saber, inclusive você: Explicações da normas ABNT.-11ºed. Porto Alegre, 2000.
- Giongo, Ana Laura, Jerusalisky, Alfredo, Merlo, Alvaro Crespo, e outros. *O valor simbólico do Trabalho: e o sujeito contemporâneo*/ APPOA (Associação Psicanalítica da Porto Alegre). – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- Jodelet, Denise. (org). *As representações sociais*. RJ. Eduerj. 2002.
- Lang, Alice Beatriz da Sila Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas E Uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). *(Re) Introduzindo História Oral no Brasil*. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- Le Goff, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.
- Luft, Celso Prado. *Minidicionário Luft*. São Paul: Ática, 2000.
- Meihy, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo : Loyola, 1996.
- Minayo. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In; Guareschi, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (org) e outros. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ Vozes, 1994.
- Montenegro, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada – 3 ed – São Paulo: Contexto, 2001.*

- Moscovici, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar. 1978.
- Guareschi, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (org) e outros. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ Vozes, 1994.
- Neri, Anita Librerato, (org). *Idosos no Brasil: Vivências desafios e expectativas na terceira idade*. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.
- Pollack, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.
- Rouso, Henry. A memória não é mais o que era. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.93-102, 1996.
- Strey, Marlene Neves. *Psicologia Social Contemporânea*: livro texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- Sottili, Márcia Taboada de Sousa. O Velho não faz mais... nada. In Giongo, Ana Laura, Jerusalisky, Alfredo, Merlo, Alvaro Crespo, e outros. *O valor simbólico do Trabalho: e o sujeito contemporâneo* APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- Thompson, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- Ayestaran, S.; de Rosa, A. e Páez, D. Representación social, procesos cognitivos y desarrollo de la cognición social. In: Páez, D. et alii. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid: Fundamentos (Psicología Básica y Clínica). 1987.
- O Álcool na Terceira Idade*. Acesso em: 28 de julho de 2009. Disponível em: <http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=3513&ReturnCatID=1796>
- Política do Idosos No Brasil*. Acesso em: 22 de julho de 2009. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/politica do idoso no brasil.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/politica%20do%20idoso%20no%20brasil.html)